

FAZENDO E DESFAZENDO GÊNERO: Uma Mirada Sobre os Trabalhos *Queer* em Eventos Acadêmicosⁱ

Ananda Cristina de Freitas
Bacharela em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa
Graduanda em Arquivologia na Universidade Federal de Santa Catarina
ananda.c.frts@gmail.com

Simpósio Temático nº 25 – MOVIMENTOS SOCIAIS LGBTQIA+: ESTRATÉGIAS DE EFETIVAÇÃO DE DIREITOS E CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar os trabalhos acadêmicos apresentados nos Seminários Internacionais Fazendo e Desfazendo Gênero de 2013 que abordaram a Teoria *Queer*. Para isso foi ponderado sobre o histórico da Teoria *Queer* e os trabalhos e conceitos daquelas que são consideradas suas principais teóricas, Judith Butler e Guacira Lopes Louro, dos Estados Unidos e Brasil respectivamente. Da mesma forma, as imagens e temáticas dos eventos foram analisadas brevemente para compreender suas abordagens ao gênero. Por fim os 21 artigos que apresentam “Teoria *Queer*” como uma das palavras-chave foram analisados, assim como seus autores e instituições a que estão vinculados. Como principais resultados notou-se algumas aproximações bibliográficas e de conceitos – como esperado em trabalhos sobre a mesma temática –, mas também diferentes perspectivas de pesquisa *queer* ficaram evidentes.

Palavras-chave: Estudos de Gênero, Teoria *Queer*, Revisão Bibliográfica, Seminário Internacional Fazendo Gênero, Seminário Internacional Desfazendo Gênero.

ABSTRAT

This article aims to analyze the academic works about Queer Theory presented in two International Seminars from 2013: Fazendo Gênero and Desfazendo Gênero. For this purpose, the background of Queer Theory and the work and concepts of those considered to be its main theorists, Judith Butler and Guacira Lopes Louro (from United States and Brazil respectively) were discussed. The images and themes of the events were briefly analyzed as well, to better understand its approach to gender studies. Finally, the 21 articles that had “Queer Theory” as one of the keywords were perused, as well as their authors and institutional links. The main results noticed were some similarities in bibliographical and conceptual approaches – as expected in works on the same theme –, but also different perspectives of queer research were evident.

Keywords: Gender Studies. Queer Theory. Literature Review. Seminário Internacional Fazendo Gênero. Seminário Internacional Desfazendo Gênero.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre gênero iniciam após a década de 1960 com os trabalhos de Robert Stoller, ganhando visibilidade em 1975 a partir do artigo “O tráfico de mulheres: notas sobre a ‘economia política’ do sexo”, escrito por Gayle Rubin. Já este meio acadêmico brasileiro foi bastante influenciado pelo texto “Gênero: uma categoria útil para análise histórica” de Joan Scott (1989) que explica como o gênero é constituído por relações sociais.

Esse campo de estudo teve seu início através do movimento feminista, a princípio funcionando apenas como um sinônimo para análise de mulheres, mas com o tempo transformando-se com as novas perspectivas liberacionistas do encontro entre os estudos culturais e o pós-estruturalismo francês (MISKOLCI, 2009, p. 152). Os estudos culturais exploram as relações entre cultura e sociedade, e o fazem com um olhar interdisciplinar e preocupado com as demandas sociais das lutas políticas.

Na área das ciências humanas o estruturalismo se comprometeu a estudar as “estruturas profundas” do que fundamenta os fenômenos sociais. Ao longo da década de 1980 este posicionamento será negado com o pós-estruturalismo, que questiona e renega a possibilidade de uma estrutura fixa e objetiva para relações sociais. (WOUTHWAIT, 1996, p. 276). O movimento feminista irá então usar a perspectiva pós-estruturalista para debater o conceito de identidade.

No século XX o termo identidade era uma categoria cultural própria do momento que marcava os indivíduos como tais. A partir da segunda metade do mesmo século, autores como Louis Althusser, Michel Foucault, Ferdinand de Saussure, Jacques Lacan e Sigmund Freud passaram a problematizar radicalmente a ideia de identidade, o que contribuiu para o surgimento da teoria *queer* nos Estados Unidos dos anos 1980 convergindo o feminismo de terceira onda e os movimentos sociais ligados à AIDS (BENETTI, 2013, p. 1103-1104).

Dessa forma, inspirados pelo modelo feminista e utilizando o referencial teórico e metodológico das discussões sobre gênero, alguns grupos de gays e lésbicas passaram a questionar a hegemonia heterossexual e afirmaram uma identidade homossexual fixa, o que causa insatisfações entre outros grupos com identidades sexuais e de gêneros diversas. A partir disso surge a teoria *queer* para desconstruir esses binarismos. (GALLINA, 2008, p. 23-24)

A teoria *queer* é um ramo dos estudos de gênero que trabalha com identidades fora do padrão heteronormativo, ou seja, com as pessoas que não se identificam dentro da norma heterossexual e cisgênera, mas, ao invés disso, preferem viver nos “entrelugares” dos gêneros. Filósofe estadunidense Judith Butler é uma das principais especialistas sobre gênero e teoria *queer*. Butler define o gênero como algo “culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo.” (BUTLER, 2003, p. 24). Para ela comportamentos e atitudes atribuídas a um sexo/gênero são ficcionais e a heterossexualidade compulsória é o mecanismo que força e normaliza esses comportamentos. Dessa forma a teoria *queer* questiona a heteronormatividade patriarcal na sociedade ocidental moderna e cria um discurso de aceitação às identidades rejeitadas, vistas como “estranhas”, ou seja, “*queers*”.

No Brasil os estudos de gênero cresceram e se consolidaram nos últimos anos, apresentando importantes trabalhos acadêmicos, sendo a UFSC – com o Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero e a Revista de Estudos Feministas –, a UNICAMP – responsável pela publicação dos Cadernos Pagu – e a UFBA – com o curso de Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade – os principais polos de referência na divulgação do assunto no país.

Já a temática *queer* chega ao Brasil partindo principalmente do contato que Guacira Lopes Louro teve com pesquisadores de gênero como Pierre Bourdieu e Joan Scott e, em uma viagem a Nova York, com o livro “Gender Trouble” de Judith Butler. Em 1998, Louro publicou o artigo “A escola e a produção das diferenças sexuais e de gênero”, utilizando noções como “desviante, binarismos, normalidade, sexualidades, diferença”. Em 1999, publica o livro “O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade” em que reúne vários artigos pouco difundidos no Brasil e até traduções inéditas como o texto de Butler “Bodies That Matter: on the discursive limits of sex”.

Ao longo do presente artigo serão analisados os trabalhos acadêmicos sobre teoria *queer* selecionados de dois seminários voltados à temática, o 10º Seminário Internacional Fazendo Gênero e o 1º Seminário Internacional Desfazendo Gênero. Para teorizar a interpretação será utilizado a análise de discurso para compreender o processo de produção de sentidos. Com esse objetivo foram trabalhados os conteúdos históricos em que os artigos foram produzidos, bem como o local, curso e as instituições a que os autores estão vinculados.

O DESENVOLVER DA TEORIA *QUEER*

De acordo com Joana Maria Pedro (2005), para os pesquisadores de ciências humanas, gênero está ligado a luta por direitos humanos e ao movimento feminista. Robert Stoller, em 1968, diferencia a palavra “sexo” de “gênero” no livro “Sex and Gender” ao falar sobre intervenções cirúrgicas feitas por pessoas transexuais e intersexos, indicando sexo como biológico e gênero como identidade (PEDRO, 2005). Mas com discussões na década de 1990 de pesquisadores da teoria *queer*, gênero ganhou independência do sexo e ambos passaram a ser entendidos como culturalmente construídos.

A teoria *queer* está enraizada nos trabalhos de Foucault sobre o saber, poder e sexualidade de forma que é importante destacar a influência e importância que os trabalhos, a vida, e as críticas póstumas quanto sua sexualidade influenciaram intelectuais *queers* a desenvolverem a teoria.

Foucault não se preocupou tanto com a origem da sexualidade, voltando seus estudos para a maneira como esta funciona. Para ele, a sexualidade não é inerente à biologia do ser humano – tanto que assexualidade é uma orientação sexual –, mas foi algo construído e estabelecido na sociedade e cultura, contribuindo nas relações de poder. Foucault via as relações da – e com a – homossexualidade no fim do século XIX fundamentalmente diferente da forma como era trabalhada em períodos anteriores. Esta diferença estava na maneira como homens que mantinham relações sexuais com outros homens passaram a ser vistos a partir de 1870: uma espécie inferior, submissa a sua sexualidade e que deveriam ser reconhecidos e julgados como tal – ao contrário de simplesmente um pecado e ato punível.

No ensaio “Foucault e os estudos *queer*” Guacira Lopes Louro fala sobre a relação de Foucault com a teoria *queer*:

Alguns poderiam argumentar que Foucault está na origem do que veio a se chamar teoria ou estudos *queer*. Não faço essa afirmação. Entendo que a busca de origens ou princípios é pouco coerente quando se pretende discutir um campo teórico dito pós-estruturalista. Além disso, Foucault nunca pretendeu fundar qualquer teoria nem inaugurar nada. Mesmo com tais ressalvas, estou convencida de que o *queer* está enredado com o pensamento de Michel Foucault. As ideias do filósofo se constituem em uma das condições de possibilidade para a construção de um modo *queer* de ser e de pensar. (LOURO, 2009, p. 135-136).

Sobre a afirmação de Foucault quanto às “condições de possibilidades” do conhecimento, a autora irá concluir, ainda no mesmo artigo:

Portanto, há sujeitos e práticas que podem ser pensados no interior de uma cultura e outros que são impensáveis por não se enquadrarem na lógica ou no quadro admissíveis àquela cultura, naquele momento. No campo da sexualidade, tradicionalmente se opera numa lógica binária. Para além dela, parece insuportável pensar em sujeitos ou práticas, em experiências ou saberes. Mas este parece ser precisamente o desafio e o convite do movimento *queer*: transgredir a lógica estabelecida, pensar o impensável, admitir o insuportável, atravessar limites. Enredados, ainda, com Foucault, buscar fissuras na episteme dominante e ousar ir além. (LOURO, 2009, p. 142).

No artigo “Teoria *queer* – uma política pós-identitária para a educação”, publicado em 2001 na Revista de Estudos Feministas, Louro resume o contexto do desenvolvimento da teoria *queer*. Segundo ela o discurso do século XIX que vê a homossexualidade como uma doença e um desvio da norma permanece até os anos 1970, momento em que movimentos homossexuais começam a se organizar, principalmente nos Estados Unidos e Inglaterra.

No meio cultural do Brasil a homossexualidade é desenvolvida como um tema de debate em 1975 quando é criado o Movimento de Libertação Homossexual, com a participação de intelectuais exilados durante a ditadura militar. As críticas do movimento são contra a heterossexualização da sociedade. Mas o gênero e a sexualidade são impossíveis de analisar em esquemas binários, pois o lugar social de algumas pessoas está nas fronteiras do binário culturalmente construído, sendo essa a crítica feita por grupos internos de negros, latinos e jovens que viam o movimento como muito branco e de classe média.

No meio acadêmico a psicanálise de Freud, Lacan e Althusser sobre desejo perturbaram o pensamento racional do século XX. Interligado com a teoria pós-estruturalista, os trabalhos de Foucault sobre a construção discursiva de sexualidades e de Jacques Derrida sobre a não binaridade das estruturas e linguagens são importantes para a formulação da teoria *queer*. (LOURO, 2001). Assim, no artigo que foi um dos principais para a teoria *queer* no Brasil, Louro “realiza uma investigação aguçada da situação dos Estudos Gays e Lésbicos, assim como da emergência dos movimentos homossexuais nos EUA e Brasil, para pensar sobre a potencialização dos estudos sobre minorias e estudos pós-identitários”. (SOUZA; BENETTI, 2012, p. 10).

Judith Butler é uma das principais pesquisadoras da área de gênero e foi pioneira no desenvolvimento da teoria *queer*. Sobre gênero e binarismos Butler diz:

Se o gênero ou o sexo são fixos ou livres, é função de um discurso que, como se irá sugerir, busca estabelecer certos limites à análise ou salvaguardar certos dogmas do humanismo como um pressuposto de qualquer análise do gênero. [...]. Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do

gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. (BUTLER, 2003, p. 27-28)

Em seu livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, Butler trabalha com diversos conceitos fundamentais da teoria *queer*. Menciona que Foucault, reformulando ideias de Nietzsche, usa a genealogia para explicar gênero, sexo e desejo como consequência de uma formação de poder. A partir disso Butler dirá que:

A crítica genealógica recusa-se a buscar as origens do gênero, a verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão impede de ver; em vez disso, ela investiga as apostas políticas, designando como origem e causa categorias de identidade que, na verdade, são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos. A tarefa dessa investigação é centrar-se – e descentrar-se – nessas instituições definidoras: o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2003, p. 9)

Da mesma maneira que a sexualidade é criada no discurso, o gênero é algo performativo do discurso. E este é outro conceito trabalhado por Butler, o de performatividade, que vai reafirmar a noção de gênero como uma construção cultural:

[...] o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância — isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. (BUTLER, 2003, p. 48).

Contudo este é um conceito, como toda a obra de Butler e a própria teoria *queer*, que não possui uma definição precisa e está em constante desenvolvimento. Sara Salih no livro Judith Butler e a Teoria *Queer* faz um guia introdutório dos conceitos e da obra da autorie. Nesse livro, traduzido por Guacira Lopes Louro, ela explica a ideia trabalhada por Butler em *Bodies That Matter* de que uma menina é “tornada menina” antes mesmo de nascer pela distinção criada com base nos traços genitais visíveis que têm seus significados determinados e essas definições constituem os corpos no lugar de apenas descrevê-los. Assim, “Butler não está refutando a “existência” da matéria, mas insiste que a matéria não pode ter nenhum status fora de um discurso que é sempre constitutivo, sempre interpelativo, sempre performativo”, conclui Salih. (SALIH, 2015).

Com todas essas diversas perspectivas de análise e possibilidades de debate a teoria *queer* continua em constante desenvolvimento. No Brasil, para além das revistas e textos, esse processo pode ser acompanhado nas pesquisas e produções de eventos sendo elaborados. Os principais eventos com essa temática, organizados e sediados no Brasil, são o Seminário Internacional Fazendo Gênero, criado em 1994 e o Seminário Internacional Desfazendo Gênero criado em 2013.

AS TEMÁTICAS DO FAZENDO E DESFAZENDO GÊNERO

A Universidade Federal de Santa Catarina, desde o começo do desenvolvimento dos estudos de gênero no Brasil, esteve bastante envolvida nestes debates e para ampliá-los ainda mais, trabalhando a questão da interdisciplinaridade, em 1994 iniciou a organização do Seminário Fazendo Gênero. Informações sobre os eventos podem ser encontradas nos sites individuais para cada encontro, construídos a partir do quarto seminário. Contudo os sites trazem também um pouco sobre o histórico do Fazendo Gênero e, assim, é possível conhecer as temáticas e dimensões que os três primeiros eventos tiveram, principalmente através do site principalⁱⁱ, que, além do histórico do primeiro ao nono encontro, direciona para os demais sites.

O primeiro encontro teve como foco a questão de gênero na Literatura, História, Antropologia e o feminismo contemporâneo. Resultou na coletânea Fazendo Gênero com trabalhos de cerca de 100 pesquisadores. A partir daí os encontros passaram a ser bianuais. Em 1996 o evento levou o título de “Um Encontro Interdisciplinar”, atraindo cerca de 400 pesquisadores e resultou em um número especial da Revista de Ciências Humanas e na publicação do livro “Masculino, Feminino, Plural: o gênero na interdisciplinaridade”. O evento de 1998 também originou duas publicações a partir da temática “Gênero e Saúde”, “Revista de Ciências da Saúde: Gênero e Saúde” e o livro “Falas de Gênero”, dando ainda mais importância à questão da interdisciplinaridade.

Como dito, a partir do ano 2000 o Fazendo Gênero passou a ter divulgação online por sites próprios que ainda estão ativos e, portanto, seus banners e textos de apresentação podem ser analisados. Além disso, foi com o quarto encontro que o seminário ganhou caráter internacional ao contar com a participação de palestrantes da França e dos Estados Unidos.



Figura 1 Banner do Fazendo Gênero 4.

A descrição da imagem proporcionada no site revela que se trata de uma “Tela de Vera Sabino que compõe o painel inspirado nas paisagens da Costa da Lagoa e no cotidiano do povo ilhéu”ⁱⁱⁱ. Junto à imagem estão o tema “Cultura, Política e Sexualidade no Século XXI” e o local e datas do evento. O principal objetivo dessa edição foi retomar os estudos de gênero desenvolvidos no século XX pensando no caminho que as pesquisas tomariam no novo século. Temática que foi trabalhada em nove Mesas Redondas, 40 Grupos de Trabalho, além de Mostras e Exposições resultando na coletânea “Genealogias do silêncio: feminismo e gênero” com artigos apresentados no evento.



Figura 2 – Captura de tela do site Fazendo Gênero 5

O seminário “Feminismo Como Política” de 2002 teve como debate central a importância da política na formação dos estudos de gênero e o papel do feminismo na política. O evento contou com três Conferências, onze Mesas Redondas e, pela primeira vez, apresentou Mostras Audiovisuais e Fotográficas. Os trabalhos que ganharam destaque neste e no quarto encontro foram publicados em uma coletânea de três volumes com os títulos de “Gênero, cultura e poder”, “Poéticas e políticas feministas”. Em seu site é possível encontrar informações para contato e sobre os trabalhos apresentados. A figura 2 mostra a tela inicial do site e conta com imagens de mulheres em manifestações, dialogando com a temática do evento^{iv}.

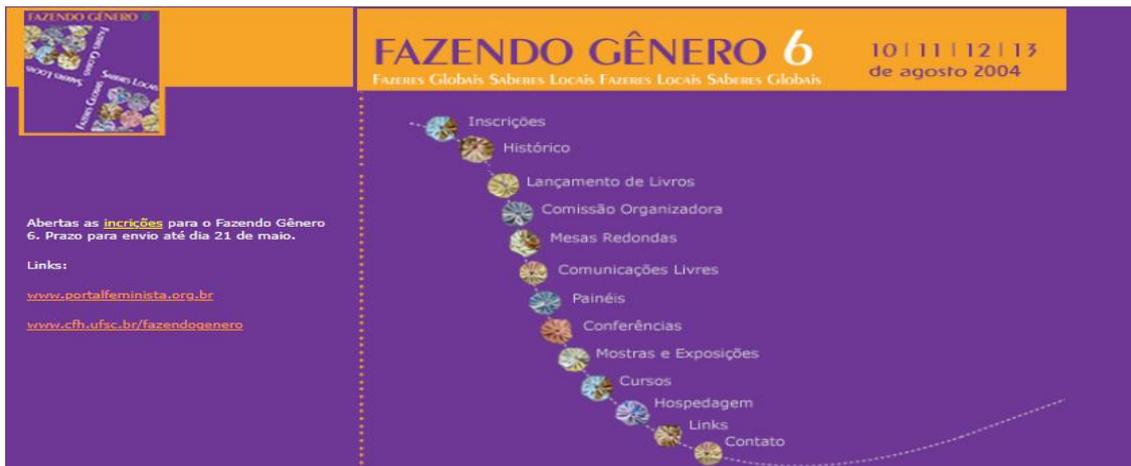


Figura 3 – Captura de tela do site Fazendo Gênero 6

Em 2004 com o tema “Saberes Globais/Fazeres locais. Fazeres Globais/Saberes Locais” o encontro contou como o apoio da Área de Concentração Estudos de Gênero do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC para trabalhar com questões do século XXI, principalmente a influência do pensamento teórico na academia e sociedade. Como nos anteriores o Fazendo Gênero 6 também resultou na publicação de coletânea, chamada “Saberes e fazeres de gênero: entre o local e o global”, contando com trabalhos selecionados. O site original do evento^v não pode ser visualizado em todos os navegadores, mas a imagem da sua página inicial está disponível na figura 3.



Figura 4 – Ilustração da página Fazendo Gênero 7

O sétimo seminário trabalhou o tema “Gênero e Preconceitos” em 2006 com participação de cerca de 3000 inscritos e 700 pesquisadores que tiveram suas

comunicações orais divididas em 55 Simpósios Temáticos. Nesse ano iniciou-se a premiação dos melhores pôsteres apresentados por alunos de graduação, além de os trabalhos começarem a ser disponibilizados no site oficial^{vi}, que conta com a figura 4 como imagem de fundo. Duas coletâneas foram publicadas com os trabalhos de pesquisadores selecionados, “Leituras em rede: gênero e preconceito” e “Gênero em movimento: novos olhares, muitos lugares”.

Fazendo Gênero Corpo, Violência e Poder

25 - 28/08
2008



Figura 5 – Banner Fazendo Gênero 8

O “Fazendo Gênero 8, Corpo, Violência e Poder”, discutiu a temática partindo dos debates judiciais contemporâneos sobre aborto, violência conjugal, parcerias homossexuais, homofobia, entre outros temas relevantes para aquele ano. O encontro teve como resultado o livro “Leituras de resistência: corpo, violência e poder” publicado em dois volumes. No site^{vii} é possível consultar os artigos apresentados, divididos entre os 72 Simpósios Temáticos.

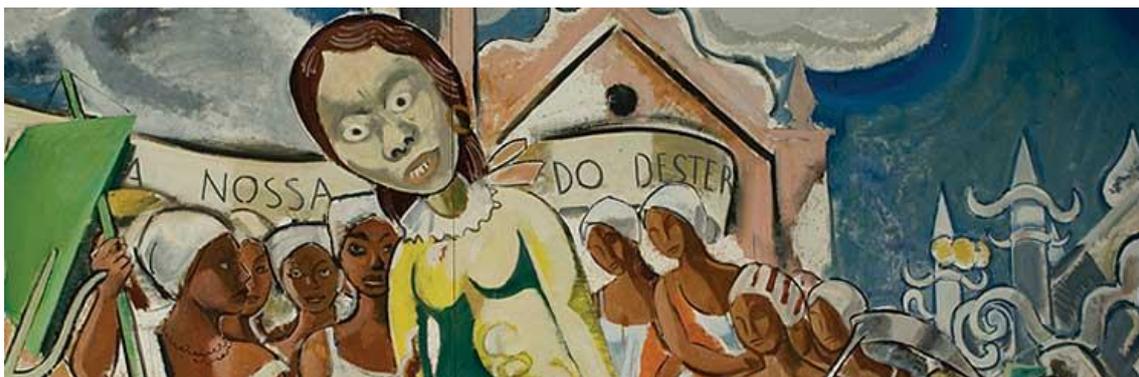


Figura 6 – Ilustração da página Fazendo Gênero 9

Em 2010 com o título “Diásporas, Diversidades, Deslocamentos” as relações entre cultura e espaços geográficos, identidades diversas e circulação entre espaços imaginados numa perspectiva feminista foram debatidas. Esta edição trouxe também o projeto “Crianças no Fazendo Gênero”, em que trinta crianças passaram o período da manhã em atividades relacionadas à temática gênero. A página do Fazendo Gênero 9^{viii}

usa a figura 6 como imagem central e conta com uma área para os anais eletrônicos, organizados por autores, deixando assim de ter coletâneas publicadas nesse ano.



Figura 7 – Banner Fazendo Gênero 10

O 10º Seminário Internacional Fazendo Gênero em 2013 traz o tema “Desafios Atuais dos Feminismos” e relaciona o debate acadêmico com os movimentos sociais e com questões de classe, raça, etnia e gerações. Escolhi trabalhar com esse ano por sua temática interseccional e abertura do campo de análises. Além de que os anais reunidos deste evento estão facilmente acessíveis através do site Fazendo Gênero da UFSC^{ix}, com cada artigo trazendo palavras-chave com suas temáticas (uma novidade em relação ao Fazendo Gênero 9).

Neste site, os artigos estão organizados por ordem alfabética de autores com links disponibilizando o download individual de cada artigo. Tanto a página quanto os artigos carregam a imagem do evento como cabeçalho. Na imagem (Figura 7) estão posicionadas o perfil de seis desenhos de pessoas sem rosto com “Fazendo Gênero 10 Desafios Atuais dos Feminismos” em um balão de diálogo sendo dito pelas seis figuras. A interpretação intencionada provavelmente é de que estas são seis mulheres de etnias e vivências diversas, mas com um objetivo em comum o que prova os desafios e a pluralidade de feminismos mencionados no título.



Figura 8 – Banner Fazendo Gênero 11

O Seminário teve continuidade em 2017 com o tema “Transformações, Conexões, Deslocamentos”. Esta edição foi especial pois se tratou de um evento conjunto com o 13th Women’s Worlds Congress que, a cada três anos, organiza um encontro entre pesquisadoras e ativistas de todo o mundo em diferentes países e, pela primeira vez, foi sediado na América do Sul. O tema escolhido teve como objetivo a ampliação do diálogo em uma perspectiva global e diversificada de feminismos. Assim como nos anteriores o site^x disponibiliza os anais eletrônicos e informações gerais sobre as 33 Mesas Redondas, 160 Simpósios Temáticos e diversas outras atividades que foram ofertadas. Textos resultando das Mesas Redondas foram reunidos no livro “Mundo das Mulheres no Brasil”, também disponível para acesso no site.



Figura 9 – Banner Fazendo Gênero 12

O Fazendo Gênero 12^{xi} em sua edição de 2021 trouxe a temática “Lugares de fala: direitos, diversidades, afetos” em versão online. Com esse tema o evento se insere no contexto atual de visibilidade, dando espaço para “vozes que falam por si”. Além do português, inglês e espanhol este ano também foi possível realizar apresentações em libras.

O outro evento trabalhado faz parte do Seminário Internacional Desfazendo Gênero, que pode ser acessado pelo seu site^{xii}. Foi criado por um grupo de pesquisadores dos estudos *queer* no Brasil que não conseguiam expor seus trabalhos nos eventos já existentes e para dar destaque à produção do nordeste do país já que o foco estava concentrado no sul e sudeste.

O tema da primeira edição foi “Subjetividade, Cidadania e Transfeminismo”. O evento aconteceu na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2013 e contou com cinco Minicursos, oito Mesas Redondas, Mostra Artística, apresentação de pesquisas em 39 Grupos de Trabalho e Conferência de Abertura realizada por Marie-Hélène Bourcier. Escolhi trabalhar com o primeiro Desfazendo Gênero para facilitar a análise

comparativa entre os discursos dos dois seminários já que ambos foram realizados no ano de 2013, podendo entender as críticas por trás da criação deste congresso.



Figura 10 – Capa Anais Completos do Desfazendo Gênero 1

O 1º Desfazendo Gênero fornece seus anais em uma coletânea no seu site^{xiii} que está separada por Grupos de Trabalho. Outra possibilidade de acesso é através do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Diversidade Sexual, Gênero e Direitos Humanos, onde também está disponível um caderno de resumos^{xiv} para consultas. Tanto o caderno de resumos quanto a coletânea de anais completos usam como capa um recorte do quadro barroco de José de Ribera conhecido como “A mulher barbuda” ou “Magdalena Ventura com seu marido e filho”, de 1631.

É possível conhecer um pouco sobre as figuras representadas na imagem (Figura 10) e seu contexto através da inscrição presente no quadro original em que o pintor relatou ter produzido a obra a pedido do vice-rei da região de Nápoles para retratar o “grande milagre da natureza” que era Magdalena Ventura, mulher que com trinta e sete anos desenvolveu vasta barba – dando a ela a aparência similar à de um senhor da época – e

aos cinquenta e dois anos é mostrada amamentando seu filho recém-nascido, acompanhada de seu marido. O recorte feito para a capa centraliza o seio exposto, que parece ter sido posicionado pelo pintor no centro do tórax de sua referência, dando destaque mais à estranheza do que a veracidade anatômica (SILVA, 2016, p. 30-31).

A escolha desta imagem parece ter sido feita justamente pela “estranheza” que carrega. A personagem retratada traz traços “femininos” nas vestimentas e no ato de amamentar a criança, mas possui face “masculina” coberta pela barba. Esta combinação difere dos padrões de gênero aceitos como normal na sociedade atual, o que é justamente o tema do congresso cujo título está posicionado diretamente acima à imagem. No título as letras “es” em “desfazendo” estão espelhadas, sendo este mais um elemento de transgressão. Além do título também há a data, local, identificação do quadro e grupo que realizou o evento distribuídos na imagem.



Figura 11 – Capa Desfazendo Gênero 2

A próxima edição do Desfazendo Gênero ocorreu na Universidade Federal da Bahia em 2015 com o tema “Ativismos das dissidências sexuais e de gênero”, que reforça a crítica do evento às normatizações e demonstra o caráter político: os activismos também produzem conhecimento. O evento contou com Conferência de Abertura por Judith Butler, sete Rodas de Conversa, Encontros de Diálogos Interdisciplinares (EDIs) e seis

Mesas Redondas com pesquisadores principalmente da América Latina, Portugal e Espanha. O site apresenta uma imagem de capa com colagem em estilo contemporânea seguindo a temática de dissidências sexuais e de gênero. Ali são encontradas informações sobre os 78 Simpósios Temáticos e os anais eletrônicos do evento.



Figura 12 – Foto de perfil da página do Facebook Desfazendo Gênero 3

Em 2017 o terceiro Seminário trouxe o tema “Com a Diferença Tecer a Resistência” na Universidade Estadual da Paraíba. Este encontro não possui site próprio, somente página do Facebook^{xv}. A figura 12 é sua imagem de perfil e apresenta o site oficial (que encaminha para o evento atual) e mensagens políticas.



Figura 13 – Ilustração da página Desfazendo Gênero 4

Em 2019 o evento chegou a sua quarta edição com o título “Corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama” em Recife. A figura 13 é a imagem usada como fundo no site do evento e junto ao logo apresenta diferentes corpos. Trouxe 24 Simpósios Temáticos e após a conclusão lançou os anais eletrônicos em formato de ebook com o título da edição.



Figura 14 – Banner Desfazendo Gênero 5

A quinta edição do Desfazendo Gênero^{xvi} trouxe o tema “Conhecimento dissidente, cura coletiva e novas modulações da experiência”. Contou com Conferências Magnas, Mesas Redondas, Simpósios Temáticos, Rodas de Conversa e Mostras de Fotografias e de Vídeos, em um evento no formato online que se estendeu dos dias 22 a 25 de novembro de 2021.

A partir do que foi mostrado é possível perceber que os temas e imagens de ambos os Seminários constroem um diálogo com o contexto da sociedade e das pesquisas que estão sendo realizadas por acadêmicos brasileiros no momento. Assim são bons indicadores de como os estudos *queer* estão inseridos e se desenvolvendo no país. Além do mais, por serem os principais eventos sobre gênero do país, podem ser considerados como referencial para conhecer os pesquisadores e as instituições em que a teoria *queer* é desenvolvida.

COMPREENDENDO AS PESQUISAS *QUEER*

Os temas trazidos pelo Seminário Internacional Fazendo Gênero e Desfazendo Gênero são sempre atuais, em diálogo com o contexto histórico em que os eventos foram construídos. Dessa forma, trabalhar este contexto é fundamental para a compreensão da produção acadêmica apresentada nos eventos do ano 2013, tendo os congressos um diálogo tão grande com a sociedade e o ativismo.

Quando se pensa em contexto histórico envolvendo a população LGBTQIAP+ no Brasil de 2013, o primeiro fato que vem a memória é a determinação do Conselho Nacional de Justiça para que casamentos entre pessoas do mesmo sexo pudessem ser registrados em todos os cartórios do país. E a decisão anterior, em 2011, de possibilitar a união estável para casais homossexuais. Mas o caminho até esse direito ser alcançado foi construído por muitas lutas que ainda estão longe de serem definidas.

Embora os direitos familiares da constituição de 1988 não fossem abrangentes de toda a população, alguns direitos foram conquistados através de militâncias políticas e culturais em processos judiciais nas últimas décadas. Na frente cultural, entidades promovendo visibilidade e celebração da diversidade sexual demonstraram que a comunidade LGBT faz parte da cultura brasileira. No âmbito político, ao Supremo Tribunal Federal foi dado justificativas suficientes para a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo através das afirmações feitas por parte dos movimentos, pela proteção dos direitos humanos e do combate a Aids, que defendiam a união como um ato de igualdade e dignidade já previsto pela constituição. (CAULFIELD, p. 180, 2017).

Já militantes pela causa trans estavam em um segundo momento de seu ativismo, buscando não somente proteção contra a violência policial e direitos pela saúde envolvendo a Aids, mas também demandando visibilidade e segurança, além de legalidade e facilidade nas alterações jurídicas de nome e gênero (CARVALHO, 2015). Além disso, também havia o movimento para a despatologização da transexualidade com organizações como a Stop Trans Pathologization–2012, ativas por todo o mundo (JESÚS, 2013). Esta conquista foi atingida somente em 2019, com a remoção da transexualidade como uma doença mental na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID). Agora esta é identificada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma incongruência de gênero relacionada à saúde sexual (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2019).

Quanto ao critério da seleção de artigos analisados neste trabalho, em ambos os eventos foram escolhidos os que apresentam “teoria *queer*” ou “estudos *queer*” nas palavras-chave. Foram encontrados dez artigos no 10º Fazendo Gênero e onze no 1º Desfazendo Gênero que se enquadram nesse parâmetro, aqui tratados como FG10 e DG1 respectivamente.

Antes de comentar sobre os conteúdos em si é importante trazer as informações sobre os autores. No total são 26 autores diferentes, com três deles tendo apresentado

trabalhos nos dois eventos, e 14 e 15 no Fazendo e Desfazendo Gênero respectivamente. As informações sobre os autores foram retiradas dos próprios artigos – com algumas ressalvas que serão mencionadas. Quanto às formações acadêmicas, em casos que mais de uma foram mencionadas no artigo, somente a titulação mais alta foi considerada.

No FG10 os pesquisadores são de 7 estados diferentes. Na região sul temos oito autores: do Paraná um doutor em Psicologia* pela UTFPR; em Santa Catarina, da própria UFSC são uma mestranda e uma doutora em Educação Física, e um graduando em História da UDESC; quatro pesquisadores do Rio Grande do Sul sendo um professor adjunto da UFFS, uma mestranda e um doutor em Educação pela UFRGS, e um doutorando em Ciências da Comunicação pela UNISINOS. Já no Sudeste são três autores: dois doutorandos em Psicologia de São Paulo, um pela PUC e outra pela UNESP; e um mestrando em Letras pela UFV de Minas Gerais. Uma doutora em sociologia da Faculdade de Ensino Superior da Paraíba e um mestrando em Crítica Cultural pela Universidade Estadual da Bahia, são os dois autores do Nordeste. Por fim o único trabalho apresentado por um pesquisador do Norte veio do Amazonas com um mestre* em Educação da UEA.

Já no DG1 os autores são de 6 estados. Em Santa Catarina temos: quatro pesquisadores vinculados à UFSC – uma doutora e uma mestranda em Educação Física (que têm trabalho no FG10), uma graduanda em psicologia* e um com o curso não especificado – e o graduando em História da UDESC que apresentou trabalho nos dois seminários. No Paraná quatro pesquisadores de Educação da UFPR, sendo eles uma professora, dois mestrandos e um doutorando*. Fechando assim nove autores da região sul.

Do Nordeste temos seis autores: dois da Paraíba, mestrando em antropologia* pela UFPB e mestranda em História pela UFCG; do Ceará, um graduando em filosofia na UECE, com graduação em biblioteconomia na UFC*; um doutor em Letras* da Universidade Federal de Pernambuco; e dois mestrandos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, um em Antropologia Social e outra em Psicologia.

Algumas considerações devem ser feitas a partir disso. Primeiramente é necessário destacar que a única participação da região Norte foi no Fazendo Gênero. Percebe-se que logo no início da criação do Desfazendo Gênero a maior participação ainda vinha da região sul, até mesmo tendo mais pesquisadores com essa temática do que no FG10. Contudo, essa maior participação pode ser justificada pelo próprio objetivo da

criação do DG1; ao abrir espaço para discussões de gênero com outras perspectivas, o evento atraiu mais pesquisadores de todo o país que possivelmente não encontravam disponibilidade de divulgação nos seus estados.

Nota-se também que além da ausência do Norte, o Sudeste não está presente com essa temática no DG1, e o centro-oeste não divulgou pesquisas *queer* em nenhum dos dois eventos no ano em questão. Além de que os três casos de pesquisadores que apresentaram trabalho nos dois eventos foram de Santa Catarina.

Quanto às grandes áreas de conhecimento, o FG10 teve seis pesquisas de Ciências Humanas, duas de Linguística, Letras e Artes, uma de Ciências Sociais Aplicadas e uma na área de Ciências da Saúde. Já sobre as universidades, quatro são do Sul, duas do Sudeste, uma com autoria destas duas regiões, duas do Nordeste e uma do Norte. Além de que são três instituições particulares, quatro estaduais e cinco federais. Nesse aspecto o Fazendo Gênero traz um perfil mais diversificado, o que também se dá por ser um evento de maior porte.

No que diz respeito ao DG1, seis trabalhos foram de Ciências Humanas, um das Ciências Sociais Aplicadas (que dividiu autoria com um de Ciências Humanas), dois de Educação, um de Ciências da Saúde e um de Linguística, Letras e Artes. Dentre as três diferentes universidades do sul e cinco do Nordeste, duas são estaduais e seis são federais.

Analisando os conteúdos com relação às temáticas pode-se dizer que os 21 trabalhos se enquadram em quatro eixos: seis pesquisas com discussões teóricas; quatro temáticas centradas em identidades; quatro sobre educação e currículos e sete que usam a teoria *queer* em diálogo com fontes de cultura popular.

As temáticas teóricas foram analisadas a partir do trabalho de Benetti e Souza e com o artigo de Araújo Lima que discute a sexualidade humana com base na teoria *queer*. Souza F. e Fernando Benetti fazem um levantamento dos trabalhos sobre teoria *queer* no Brasil da década de 1990, justamente para problematizar a publicação do artigo “Teoria *Queer*: uma política pós-identitária para a educação” de Louro como marco introdutório da teoria no Brasil. Na década de 1990 os estudos LGBTs não são muito explorados, a discussão feminista e de gênero tendo mais destaque.

Cabe ressaltar, entretanto, que, a partir de 1995, cresceu interesse pelas reflexões de Judith Butler no que tange à noção de performatividade de gênero, problematizações das sexualidades hegemônicas, binarismos de gênero e sexualidade. Suspeitamos que essas discussões tenham contribuído para emergência dos Estudos Queer. (BENETTI, SOUZA, 2013, p. 3).

Justamente em 1995, Karla Adriana Martins Bessa escreve uma resenha do livro “Gender Trouble: feminism and subversion of identity”, de Judith Butler, com o título “Gender Trouble: outra perspectiva de compreensão do Gênero”, publicada nos Cadernos Pagu e sendo o primeiro caso do tema nesse meio. A resenha talvez seja o primeiro texto sobre o livro da autora no Brasil.

Três anos depois os Cadernos Pagu publicam o artigo de “Butler: Fundamento Contingentes: o Feminismo e a questão dos “pós-modernismos””. Um início dos termos da teoria *queer* podem ser percebidos em dois artigos: “Feminismo e Lesbianismo: Identidade em questão” de Tânia Navarro Swain (escrito a partir de Judith Butler, Theresa De Lauretis, Donna Haraway, e Monique Wittig, apresentando termos centrais como heterossexualidade compulsória, heterossexismo, binarismos, desnaturalização do sexo, sexualidades múltiplas), e “A Performatividade da masculinidade Portenha no churrasco” de Jeffrey Tobin (uma análise de gênero entre os homens heterossexuais com o conceito de Butler sobre performatividade).

Mesmo se a intenção de pesquisadores da Revista Pagu foi debater o conceito de gênero de Butler, essas publicações ajudaram a disseminar as discussões *queer*. Um exemplo disso foi a dissertação de Mestrado em Antropologia “Masculinidade em revista: um estudo da VIP, Exame, Sui Generis e Homens” de Marko Synésio Alves Monteiro que discute o livro “Gender Trouble”, além dos trabalhos de Theresa De Lauretis, Judith Butler e Michel Foucault.

Os autores seguem mencionando diversos outros trabalhos publicados sobre sexualidade, estudos gays e identidades que ajudaram pesquisadores do Brasil a pensar as possibilidades de trabalho sobre teoria *queer* no contexto do país. Destacam que o perfil que traçam sobre a emergência deste campo não é o único a ser explorado, já que aqui a pesquisa está restrita às publicações de autores. Concluem: “Historiografar um saber científico não é tarefa fácil e o que se fez aqui foi dar o primeiro passo de vários que podem ser dados para compreender como se forma a Teoria *Queer* no Brasil.” (BENETTI, SOUZA, 2013, p. 11).

No trabalho sobre sexualidade humana, Araújo Lima traz que em 2001 Thomas Laqueur fala sobre como até o final do século XVII e início do XVIII a crença era de que na natureza só existia o sexo masculino e a mulher possuía as genitais invertidas. O que fazia com que todos os relacionamentos fossem homossexuais, pois só existia um sexo, mesmo existindo dois gêneros. Contudo, o termo homossexual só foi cunhado em 1868

pelo médico húngaro Benkert. O autor então traça o percurso da sexualidade com Foucault, passando pelos saberes médicos da década de 1940 com Alfred Kinsey e posteriormente a crítica de Costa em 1995.

Para ele o objetivo da teoria *queer* é problematizar a ideia de uma identidade sexual. Desconstrução é um conceito central da teoria assim como a crítica ao modelo binário de *heterossexualidade vs. homossexualidade*, já que são muitas possibilidades que fazem com que a identidade seja algo fluido.

Outro conceito da teoria *queer* trabalhado por este autor é o de citacionalidade que “pode ser descrito como a propriedade que a linguagem tem de ser repetida, ou seja, ser “retirada de um determinado contexto e inserida em um contexto diferente”.” (ARAÚJO LIMA, 2012, p. 7)

Na categoria temática sobre cultura foram separados os sete trabalhos que utilizam como fonte mídias de maior alcance ao público não acadêmico, sejam elas literárias, revistas, jornais, cinema ou até mesmo sobre uma cantora pop. Destes, três originam da grande área de Linguística, Letras e Artes e um será utilizado aqui como exemplo.

O artigo de Miranda trabalha com o livro “Amar é crime” de Marcelo Freire. Nele o autor traça o perfil da teoria *queer*, trazendo seu significado e histórico – com uma citação de Butler “*Queer* adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (Butler, 2002, p. 58) –, bem como principais autores na primeira parte de seu texto, concluindo com suas considerações:

A diferença é um conceito essencial aos estudos *queer*, uma vez que é na diferença que se busca representar as variantes e a multiplicidade de gêneros e sexualidades existentes na sociedade que normatiza e oprime por meio de suas regras e hierarquias socialmente construídas pela heteronormatividade dominante. (MIRANDA, 2012, p. 5).

Passa então a falar sobre a vida e obra do autor Marcelo Freire e a maneira com a qual ele trabalha os personagens às margens da sociedade, partindo também de referências sobre o autor: “Vasconcelos ratifica que “em entrevistas, o autor declara que escreve para se vingar. De preconceitos, de posturas subjugadoras, opressoras”. (VASCONCELOS, 2007).” Na última parte trabalha a teoria em diálogo com os dois contos do livro:

Diante dessas análises e intervenções nas narrativas de Marcelino Freire, percebe-se um dos ideais fundamentais dos estudos *queer*, a diferença. Representar a união civil e adoção por casal homossexual e a figura de um

padre gay deixa de lado os preceitos e regras ditas pela sociedade heterossexista, dominante que promulga o preconceito e exclusão silenciando o diferente, o excêntrico que precisa ser elevado a condição de sujeito ativo e pertencente ao mundo múltiplo e diversificado. (MIRANDA, 2012, p. 12).

Assim retoma o significado de “excêntrico” e “diferente” de *queer* além de incorporar conceitos da teoria como heteronormatividade, por exemplo.

Outro texto nesse recorte que trabalha com heteronormatividade é o trabalho de Cavalcante na área de Ciências Humanas. A autora fala sobre as representações binárias nas tiras de Laerte Coutinho e as vivências e experiências com identidade e sexualidade, escolheu usar os estudos *queer* pois:

[...] se destacam com a política de questionamento intensivo do esquema binário de entendimento das identidades produzido pelo conceito de gênero [...]. O *Queer* vem para dar visibilidade para aqueles que são omitidos nos estudos, nas pesquisas, nos discursos e nas vivências, os corpos que Judith Butler denomina de abjetos, que, dentro da perspectiva binária na heteronormatividade e da política identitária, não são considerados e quando acontece aparecem enquanto anomalias, disfunção, distúrbio. (CAVALCANTE, 2013, p. 167).

A evolução das tirinhas – e da mesma maneira, da análise – acompanha o processo de autoconhecimento e de transição da Laerte, em que suas personagens veem as roupas como produtoras de identidades. Assim a autora trabalha os conceitos de performance com Butler e sobre personagens às margens, fora dos padrões culturais com Louro. Sobre os espaços da heteronormatividade, com referência ao que Pino, 2007, fala sobre autonomia corporal e negação de reconhecimento social, a autora traz:

Essa perspectiva é representada por Laerte, nem de maneira passiva ao aceitar sem questionar qualquer ponto, muito menos de maneira a negar completamente, mesmo que em diversas tiras seja visível a insatisfação com as oposições binárias sob a qual nossa sociedade é baseada e é também pulsante o desejo da ampliação de algumas ideias que permitiriam, por exemplo, a não necessidade de ocupar um lugar identitário. (CAVALCANTE, 2013, p. 171)

Nos artigos com discussões sobre identidades, K. Silva e Longhini tem como objetivo do texto apresentado no DG1, debater a questão de gênero nos espaços dos banheiros públicos universitários.

A arquitetura-composição física dos espaços como o permitido e o censurado funciona como tecnologia de gênero. No século XX se constroem espaços públicos com o propósito de assegurar a educação de cada corpo de acordo com os códigos vigentes de masculinidade e feminilidade. (SILVA, LONGHINI, 2013, p. 269)

A manutenção do modelo binário/heteronormativo é reforçada nos espaços públicos pelas placas “indicativas” que diferenciam os banheiros. No caso dos banheiros para pessoas com deficiência as placas geralmente não apresentam diferenciação, sendo todas no padrão masculino. E o fraldário está sempre presente na parte “feminina”, reforçando estereótipos.

Quanto às identidades, o artigo menciona a invisibilidade sofrida por lésbicas no ambiente acadêmico a partir de relatos deixados nas portas dos banheiros. Mencionam também a dificuldade para pessoas trans em acessar esses espaços.

Retomando a experiência trans, é possível notar que ela – no modelo heteronormativo – não é legitimada nem no banheiro ‘feminino’, nem no ‘masculino’. A violência de gênero ocorre de maneira profunda: o policiamento no corpo trans*, muitas vezes empreendido pelos próprios usuáries dos banheiros, busca vestígios que ‘justifiquem’ o uso de um determinado sanitário – se homem, masculino; se mulher, feminino. (SILVA, LONGHINI, 2013, p. 275).

Continuando sobre a experiência trans, no artigo do FG10 Antunes trouxe a discussão sobre população idosa e travesti. Contextualiza o *queer* justificada pela noção de verdade de Foucault, 2008:

É interessante perceber que aquilo que é dito emite determinado efeito de “verdade” que não existe fora de determinada relação de poder. Não há discurso isento de qualquer relação de poder que o produz. Para isso é preciso compreender o regime de “verdade” da época e local em questão. Portanto, nenhuma “verdade” é neutra, soberana e imutável. Ela é relativa e precisa ser contextualizada. (ANTUNES, 2012, p. 2).

Dessa forma, discute a criação de normas durante a Revolução Industrial e da ideia de atividade sexual como anomalia no século XIX para ilustrar como o gênero é uma construção deliberada. Formando assim o contexto em que a teoria *queer* foi elaborada.

Antunes trabalha com relatos de quatro travestis idosas para exemplificar como elas sofrem dupla estigmatização – por ser travesti e por envelhecer. A exclusão das travestis começa na família – em que podem ser expulsas de casa –, segue na escola (com o conflito entre o nome social e a aparência) onde às vezes não conseguem finalizar os estudos. A baixa escolaridade e a aparência dificultam na busca por empregos, o que leva muitas à prostituição. Levam vidas frágeis sem muitas expectativas de chegar a “velhice”. Sobre as que chegam, a autora relata:

Sua tarefa é de iniciar, proteger e ensinar a mais nova a viver como travesti. Devido ao preconceito, muitas travestis acabam criando uma rede comercial entre elas. As que conseguiram juntar algum dinheiro ao longo da vida acabam comprando imóveis e alugam quartos para as mais jovens. Outras ainda atuam como agiotas em relação àquelas que pretendem se prostituir na Europa. Algumas travestis que estão no exterior prestam esse tipo de serviço, auxiliando as mais novas na chegada e estada. Muitas travestis mais velhas consideram que “fabricar” um corpo é também “fabricar” uma pessoa. (ANTUNES, 2012, p. 5).

Mesmo sendo vistas como modelos de resistência e até mesmo “mães” ou “madrinhas” para pessoas mais novas da comunidade, entre travestis a velhice é desvalorizada, como se perdesse sua função.



Quatro trabalhos se adéquam na temática Educação e Currículos. Os trabalhos que Silvestrin, sob a orientação de Saraiva, apresentou nos dois eventos foram um recorte de seu projeto de mestrado e ambos possuem o mesmo conteúdo. Neles estas pesquisadoras trazem autores e conceitos da teoria *queer* para então trabalhar as relações entre movimento humano e possibilidades para o currículo de Educação Física.

Utilizam da teoria performática de Butler em diálogo com análises do movimento, como pode ser observado na citação:

Tomemos os gêneros como encenação: um homem, por exemplo, imita a outro a fim de ser percebido como homem e essa encenação é sempre realizada a partir de uma ideia original “do que é ser homem”. Então, a performance é apenas uma parte do processo de constituição do gênero e da introjeção das normas no corpo. O próprio ato de declarar “é um menino!” ou “é uma menina!” é um enunciado performativo, onde a performatividade do gênero é um efeito discursivo e o sexo é um efeito do gênero. Entendendo então que a performance pode ser uma peça dentre outras que configuram atos performativos, podemos perceber que em uma aula de educação física os atos (gestos e falas) de professorxs e alunxs podem reiterar ou não a norma da matriz binária e heterossexual. (SILVESTRIN, 2013, p. 1259)

Para a definição de *queer* elas retomam o significado pejorativo e a ressignificação que ocorreu com o termo que traduzem como “estranho, excêntrico”, embasando-se em Louro (2004) e Richard Miskolci (2009). Também trabalham gênero como categoria de análise histórica com Joan Scott (1990) e Silvana Goellner (2007) para entender as relações humanas dentro da cultura de movimento.

Além de utilizar Foucault nos debates sobre discurso, verdade e procedimentos de exclusão e possibilidades de definição da disciplina as autoras constroem o argumento sobre penalidades nas aulas de Educação Física que reforçam as normas de gênero em diálogo com Foucault:

Como foi discutido anteriormente, o gênero é introjetado no sentido de normalizar condutas, a fim de parecer próprio de uma natureza. À medida que este controle vai sendo regulado pelo próprio sujeito, o grau de coerção externa diminui. Portanto, as normas não são apenas interiorizadas ou internalizadas, mas inscritas, incorporadas, e produzem corpos que significam essa norma sobre o corpo e através dele. No interior das instituições escolares (e no interior das aulas de educação física) se articulam mecanismos repressores exercidos através de micropenalidades que incidem sobre as maneiras de ser de cada indivíduo, dos discursos, dos corpos e das sexualidades. Desse modo, atitudes “incorretas”, gestos “inapropriados”, “indecência”, são punidos através de privações e humilhações. Concordando então com Foucault (2002), a penalidade normaliza à medida que compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza e exclui. (SILVESTRIN, 2013, p. 1263)

Assim como no artigo de Peixoto, as teorias sobre currículo são trabalhadas com Tomaz Tadeu da Silva, principalmente com maneiras de como inserir a teoria *queer* nos currículos como na citação que segue:

Discutir sobre gêneros, sexualidades e teoria *queer* nos currículos pode apresentar algumas possibilidades. Muitos entendem, por exemplo, que as discussões sobre gênero e sexualidade só podem ser inseridas na escola a partir da adolescência. Entretanto, percebe-se que as questões apresentadas estão presentes no cotidiano escolar desde a infância. Seja na separação dos brinquedos de meninos e os de meninas, seja na divisão das cores de meninos e de meninas. Ou, ainda, na ratificação de determinadas características, tais como “*menino não chora*” ou “*tenha modos, você já é uma mocinha*”. (PEIXOTO, 2013, p. 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os 21 trabalhos analisados para esta pesquisa apresentam semelhanças em relação à referenciais bibliográficos e conceitos trabalhados, mas trazem perspectivas e vozes únicas. Portanto, da mesma maneira que há diferentes maneiras de ser *queer*, com incontáveis relações com o gênero e identidade, há também diversas formas de fazer e pesquisar a teoria *queer*.

FONTES

ANACLETO, A. A. A.; TEIXEIRA FILHO, F. S. A questão do feminino e o cinema brasileiro. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, 2012. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381509257_A_RQUIVO_AlineArianaAlcantaraAnacleto.pdf>. Acesso em: 21 out. 2018.

ANTUNES, P. P. S. Travestis envelhecem? **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, 2012. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373221603_A_RQUIVO_textofazendogenero.pdf>. Acesso em: 21 out. 2018.

ARAÚJO LIMA, R. Sexualidade Humana – Uma Discussão Sob A Visão *Queer*. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, 2012. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381509847_A_RQUIVO_RosangeladeAraujoLima.pdf>. Acesso em: 21 out. 2018.

ARAÚJO, Fabiano Lucena de. Pomossexologia do armário: epistemologias antagonistas da acepção ocidental sobre o binário e a orientação sexual. **Anais Completos do Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Disponível em: <<http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1756520&key=0741b5bed3f81acd352e9ae60d41be44>>. Acesso em: 06 out. 2018.

ARAÚJO, M. S. de. Mãe mostra, rogai por nós: sexualidades *queer* e presença religiosa no projeto messiânico da era “Born this way”, de Lady Gaga. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, 2012. Disponível em:

<http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373345874_A_RQUIVO_murilo_araujo_mae_monstra_rogai_por_nos.pdf>. Acesso em: 21 out. 2018.

BENETTI, Fernando José. Genealogias abjetas: o que tem de *queer* o Brasil dos anos 1990? **Anais Completos do Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Disponível em:

<<http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1756520&key=0741b5bed3f81acd352e9ae60d41be44>>. Acesso em: 06 out. 2018.

CAVALCANTE, Laís Medeiros. Representações binárias no universo das tiras de Laerte Coutinho. **Anais Completos do Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Disponível em:

<<http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1756520&key=0741b5bed3f81acd352e9ae60d41be44>>. Acesso em: 06 out. 2018.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. (Des)fazendo gêneros e *queerizando* a vida: uma proposta de (des)educação de corpos. **Anais Completos do Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Disponível em:

<<http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1756520&key=0741b5bed3f81acd352e9ae60d41be44>>. Acesso em: 06 out. 2018.

LIMA, Gláucio Barreto de. Empoderamento através da imagem: formação e desenvolvimento de coleções com foco na educação para a diversidade sexual. **Anais Completos do Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Disponível em:

<<http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1756520&key=0741b5bed3f81acd352e9ae60d41be44>>. Acesso em: 06 out. 2018.

LONGHINI, G. D. Núñez; SILVA, K. Arquitetura material-simbólica dos banheiros: entre (des)construções da heteronormatividade. **Anais Completos do Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Disponível em:

<<http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1756520&key=0741b5bed3f81acd352e9ae60d41be44>>. Acesso em: 06 out. 2018.

MACHADO, F. V. K. Gênero e Sexualidade em Movimento: Uma Proposta de Estudo dos Dizeres e das Práticas das Revistas Trip e de Tpm. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, 2012. Disponível em:

<http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373138799_A_RQUIVO_texto_fazendo_genero.pdf>. Acesso em: 21 out. 2018.

MIRANDA, O. C. Configurações *queer* em “Amar é crime” de Marcelino Freire. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, 2012. Disponível em:

<http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1374519305_A_RQUIVO_artigodofazendogenero_2__1_.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2019.

PEIXOTO, L. F. Currículos e provocações *queer*. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, 2012. Disponível em:

<http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373338663_A

RQUIVO_fazendoogenero_CURRICULOS_E_PROVOCACOES_QUEER.pdf>.
Acesso em: 29 jun. 2019.

PESTANA, Germano Manoel; ATHAYDE, Thayz. O olhar da medusa: teoria *queer* e psicanálise. **Anais Completos do Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Disponível em: <<http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1756520&key=0741b5bed3f81acd352e9ae60d41be44>>. Acesso em: 06 out. 2018.

SÁNCHEZ, Darío Gómez. Bichas e gays no romance latino-americano. **Anais Completos do Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Disponível em: <<http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1756520&key=0741b5bed3f81acd352e9ae60d41be44>>. Acesso em: 06 out. 2018.

SEVILLA, G. G.; SEFFNER, F. Articulações pós-identitárias e pós-gênero: possibilidade e limites de contestação das normas de gênero e sexualidade. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, 2012. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381509564_ARQUIVO_GabrielaGarciaSevilla.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2019.

SIERRA, Jamil Cabral. Entre a teoria *queer* e cinismo – gilda e a *queerização* da vida. **Anais Completos do Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Disponível em: <<http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1756520&key=0741b5bed3f81acd352e9ae60d41be44>>. Acesso em: 06 out. 2018.

SILVESTRIN, J. M. P.; SARAIVA, M. do C. O. Deslocando a "disciplina" da educação física a partir da teoria *queer*. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, 2012. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373335717_ARQUIVO_DESLOCANDOADISCIPLINADAEDUCACAOFISICA.pdf>. Acesso em: 21 out. 2018.

SILVESTRIN, Julia Mara Pegoraro; SARAIVA, Maria do Carmo. Questionando a normatização do movimento na educação física escolar. **Anais Completos do Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Disponível em: <<http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1756520&key=0741b5bed3f81acd352e9ae60d41be44>>. Acesso em: 06 out. 2018.

SOUZA, F. F. de; BENETTI, F. J. Abjeções ao Sul: Uma Reflexão sobre os Estudos *Queer* no Brasil (1990–2000). **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, 2012. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373323790_ARQUIVO_abjecoasaosul.pdf>. Acesso em: 21 out. 2018.

VILELA, D. B. L.; COSTA, M. G. S. G. “Não adianta me categorizar”: uma etnografia do zine *queer*-libertário Incógnito. **Anais Completos do Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Disponível em: <<http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1756520&key=0741b5bed3f81acd352e9ae60d41be44>>. Acesso em: 06 out. 2018.

REFERÊNCIAS

BENETTI, Fernando José. Genealogias abjetas: o que tem de *queer* o Brasil dos anos 1990? **Anais Completos do Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Disponível em:

<<http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1756520&key=0741b5bed3f81acd352e9ae60d41be44>>. Acesso em: 06 out. 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora Record, 2003.

CARVALHO, Mario Felipe de Lima. **“Muito prazer, eu existo!” Reconhecimento e ativismo de pessoas trans no Brasil**. Tese (doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde. Rio de Janeiro, 2015.

CAULFIELD, S.; MARTINS, T. E. A dignidade humana, o direito de família e o casamento homoafetivo no Brasil, 1988-2016. **Acervo – Revista do Arquivo Nacional**, v. 30 No 1, n. 1, p. 179-194, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/108053>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

GALLINA, Justina Franchi et al. **Instigando o olhar: as identificações *Queers* nos filmes de Pedro Almodóvar (1999-2004)**. 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/90941>> Acesso em: 12 mar. 18.

JESÚS, B. M. **Campanha pela despatologização da transexualidade no Brasil: seus discursos e suas dinâmicas**. 2013. 99 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Foucault e os estudos *queer*. In: VEIGA-NETO, Alfredo (Org.); RAGO, Margareth (Org.). **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 135-142.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria *queer* – uma política pós-identitária para a educação. **Estudos feministas**, v. 9, n. 2, p. 541, 2001.

MISKOLCI, Richard. A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, v. 11, n. 21, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. OMS divulga nova Classificação Internacional de Doenças (CID 11). Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5702:oms-divulga-nova-classificacao-internacional-de-doencas-cid-11&Itemid=875>. Acesso em 14 mar. 2021.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. *História, Franca*, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742005000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 mar. 2020.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria *Queer***. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SILVA, Mariah Rafaela Cordeiro Gonzaga da. **Antropofagia *queer***: imagem, (trans) gênero e poder. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História da Arte) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/5881>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

SOUZA, F. F. de; BENETTI, F. J. Abjeções ao Sul: Uma Reflexão sobre os Estudos *Queer* no Brasil (1990–2000). **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, 2012. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373323790_ARQUIVO_abjecoesaosul.pdf>. Acesso em: 21 out. 2018.

WOUTHWAIT, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ⁱ Pesquisa resultante do Trabalho de Conclusão de Curso. Parte deste artigo veio da pesquisa realizada na Iniciação Científica, que foi publicada com o título “Teoria *Queer*: uma revisão bibliográfica a partir dos estudos de gênero” em: LAGEDIS: Experiências de Pesquisas em Gênero e Diversidade – ISBN: 978-65-84530-01-0.

ⁱⁱ Encontrado em: <<http://www.fazendogenero.eventos.dype.com.br/>>.

ⁱⁱⁱ Encontrado em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/4/>>.

^{iv} Encontrado em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/5/>>.

^v Encontrado em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/6/>>.

^{vi} Encontrado em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/>>.

^{vii} Encontrado em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/>>.

^{viii} Encontrado em: <<http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/>>.

^{ix} Encontrado em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/>>.

^x Encontrado em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/wwc2017/>>.

^{xi} Encontrado em: <<http://fazendogenero.ufsc.br/12/>>.

^{xii} Encontrado em: <<http://desfazendogenero.com.br/>>.

^{xiii} Encontrado em: <<http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1756520&key=0741b5bed3f81acd352e9ae60d41be44>>.

^{xiv} Encontrado em: <<http://www.nucleotiresias.ufrn.br/pagina.php?alias=anaissid>>.

^{xv} Encontrado em: <<https://pt-br.facebook.com/3desfazendogenero/>>.

^{xvi} Encontrado em: <<https://www.desfazendogenero.com.br/principal.php>>.

* Informação retirada do currículo lattes dos autores.